ANO II — Lisboa—Quinta-feira, 28 de Fevereiro de 1918 — N.º 308

Pela Grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Atalaia, 134
Editor — João A. Santos
Telefone: C. 1635

A MASCARADA SACRILEGA

Proibiu o governo o carnaval nas ruas. Pois, passado o carnaval, é o governo que autoriza uma verdadeira mascarada, uma mascarada autentica, em que nós não sabemos o que ha de maior, se o seu espirito sacrilego, se a inconsciencia patriotica que preside a ela e a inspira. Oito seculos duma historia cheia de heroismo e virtude são cuspidos e enxovalhados na portaria sem nome, que, em vez duma consagração nacional, só encontra para honrar as cinzas do Condestabre a magra pompa dum prestito funebre, sem grandeza nem significação. E' preciso que Portugal inteiro repila essa farça da iniquidade — é preciso que o nosso protesto mostre bem alto que não somos solidarios com o crime de lesa-honra que está prestes a comprometer sem remedio o nosso brio de portuguêses. Nun'Alvares no despojo sagrado das suas cinzas, não pode, não deve ser trasladado para os Jeronimos e muito menos nas condições do for malismo macabro fixadas num programa que só serve para amortalhar na vergonha e no descredito quem o elaborou e subscreveu. Um alto poeta ergueu a sua voz. Juntem-se a essa voz do mais puro e elevado nacionalismo as vozes da gente moça, repudiando pelo seu sangue expiatorio e pela sua esperança intemerata o insulto vibrado á memoria d'Aquele que soube ser Heroe e que soube ser Santo. E' imperioso que todos gritem, que todos falem! Ninguem se preste pela indiferença ou pela passividade a consentir na procissão funambulesca marcada para sabado. Bem se vê que Portugal, orfão dos seus Reis, não possue já quem lhe vele a pureza da sua historia! Senhor Presidente da Republica, se Vossa Excelencia deseja sinceramente servir a Portugal, deixe Nun'Alvares em paz e oponha-se terminantemente á entrudada ignobil com que exibicionistas sem perdão intentam perturbar-lhe o repouzo inviolavel dos Mortos!

Politica de guerra

A politica de guerra não é somente apanagio dos governos. Todos nós a devemos ter, como cidadãos de Portugal, isto é, dum país beligerante. Carecemos de a ter em defesa dos nossos proprios interesses bem-entendidos, que nem sempre se confundem com o que á primeira vista parece ser o nosso interesse imediato.

Não me refiro á politica externa. Esta tem de ser reservada aos governos. Bem podem pregar Wilson e Hertling, cada um no seu campo, a falencia da diplomacia secreta. Nem acreditamos na sua sinceridade — pelo menos na do segundo — nem a experiencia de Brest-Litowsk abona muito os resultados desse sistema, em que melindrosos problemas diplomaticos podem simultaneamente ser discutidos pelos mais habeis chanceleres e pelos mais desautorisados gazeteiros.

A politica externa de Portugal tem um ambito restrito em confronto com a das grandes potencias e deve limitar-se quasi a uma afirmação de dignidade. Deve fazer valer o sacrificio colossal que deriva da nossa participação na guerra e deve reivindicar com altivez o apreço devido á lealdade e fidelidade com que cumprimos os nossos deveres de aliados. Bem diversa ela tem sido, como o provou a recente nota oficiosa, em que os telegramas trocados entre os dois homens que por alguns anos governaram este país revelam o mais estupendo crime e a mais refalsada desvergonha. Remediar a deprimente situação por taes actos creada não será tarefa facil nem isenta de desgostos, para quem tenha o justo orgulho do país que representa. Mas tudo isto é mera funcção dos governos; cumpre apenas aos particulares nas suas relações com estrangeiros explicar a verdade dos factos e exigir o respeito a que temos jus.

A politica da guerra, a que me refiro e que considero comum a todos os cidadãos, é pois a politica interna, sem o equilibrio e a elevação da qual nunca a politica externa poderá ter o exito necessario.

Numa país em guerra é da politica interna que deriva essencialmente a resistencia moral; é dela que resulta a concentração de todos os esforços — absolutamente todos — reclamada imperiosamente para vencer o momento tragico que se atravessa.

Em Portugal infelizmente ha pouca a noção da guerra; não ha ainda a consciencia generalisada e lucida de tudo o que ela exige de abnegação, de sacrificios, de desinteresse.

Ouvem-se com frequencia profetas de mau agouro encarecer o futuro terrivel que nos espera, com todo o seu cortejo de desgraças financeiras e até de possiveis opprobrios nacionais. Mas aquele mesmo, que por todo a parte exala o seu pessimismo aterrador, nada faz para attenuar os horrores que antevê. Antes parece que, aliviado pelo seu desabafo verbal, só cuida depois dele de robustecer o seu egoismo e de insistir nos seus calculos odientos e mesquinhos!

Se porventura é chamado a praticar qualquer acto que directa ou indirectamente se ligue ao problema maximo da guerra, limita-se a encará-lo sob o seu ponto de vista antigo de oportunista, que buscá o ensejo dum triunfo pessoal ou duma intriga bem urdida!

Não julguem que eu pretendo reabilitar a união sagrada, de negregada memoria. Sob essa traducção infeliz acobertou-se o imoral conubio dos dois partidos que mais mal fizeram a este país. Para um os telegramas trocados entre os seus chefes é de que já se conhecem alguns excerptos, para o outro os relatorios das expedições á Africa, são ferretes de ignominia que os igualam na mesma união de desgraça. Porque na guerra — nessa pavorosa catastrofe, que excede toda a imaginação humana, — só viram um artificio politico partidario — monstruosidade sem igual, alhearam-se dela a grande massa da nação e muito contribuiram para a palavrosa indiferença, que acima notei. Novo crime a atribuir-lhes.

Mas hoje temos felizmente um governo a quem é sem duvida justo tributar pelo menos a estima a quem teem direito adversarios honestos e bem intencionados. Só agora é possivel a união nacional de que encontramos exemplo nos nossos aliados, essa união que pode sentar em França á roda da mesma mesa de Conselho Denys Cochin e Combes, e que permittiu que se erguesse em Montecitorio do lado do governo a voz de Giolitti. Este, que dominara politicamente a Italia durante longos anos, que promovera com a guerra da Lybia um entusiasmo nacional superior ao do proprio *Risorgimento* — no dizer de Pasquale Villari —, fora enforcado em efigie nos cortejos populares em que se preconizou a entrada da Italia na guerra e que para ela muito contribuiram. Pois esse homem, de inegavel talento, decorridos dois anos do mais discreto e apagado silencio, tudo esqueceu para reaparecer no Parlamento e no meio do respeito geral declarar-se ao lado do governo na luta da defesa nacional.

Citei, por mais frisantes exemplos, de politicos em evidencia, mas não é neles que penso quando exhorto todos os portugueses a terem a sua politica de guerra. O que pretendo é que nenhum se esqueça de que acima de tudo está a patria e que esta atravessa uma crise tremenda, para conjurar a qual será pouca a convergencia de todos os esforços, a que com a ruina dela virá a ruina de todos nós. Ponhamos de parte retalhações e criterios justos e admissiveis noutras circunstancias, mas perigosos e nocivos no actual momento.

Da desgraçada situação em que hoje nos encontramos não somos certamente nós, monarquicos, os culpados directos. Mas não podemos fugir á responsabilidade indirecta de haver consentido que um bando sinistro dominasse este país. Não podemos repudiar essa parte de responsabilidade e fundados em tão comodo sistema desinteressamo-nos das consequencias dos erros praticados. Porque a todos ferem, temos que nos defrontar com eles. Não pretendamos para já o ideal, mas apenas o que é possivel. Elevemos o nosso animo acima de divergencias politicas ou de doutrina e cuidemos do país.

Quando formos chamados pelas circunstancias a fazermos um sacrificio dos nossos interesses façamo-lo corajosamente, conscios da gravidade do momento historico que atravessamos, ao pé do qual empalidecem principios teoricos ou conveniencias politicas normalmente admissiveis. E' este, a meu vêr, o unico procedimento que nos pode enallecer e que o futuro saberá recompensar, por que é o mais patriotico. Tem, pois, de ser seguido por todos os monarquicos e se-lo-ha certamente.

Devemos dar o exemplo ao país e á grande massa dos indiferentes, cerros de que honrando assim a nossa nobre causa fazemos a melhor defeza dos nossos interesses proprios e livramo-nos dos mais temerosos perigos internos e externos. Esta é só esta deve ser a politica de guerra dos monarquicos.

Ruy Ennes Ulrich.

Integralismo Lusitano

Realizando-se no proximo dia 9 de março o jantar comemorativo do primeiro aniversario da «Monarquia», prevenimos os nossos amigos de que a inscrição se acha aberta todos os dias no escritorio do Hotel Central, em Lisboa, devendo enviar a sua adesão aqueles que não puderem assistir

LER AMANHÃ

«O milagre das rosas», legenda mistica para um bailado, por Afonso Vieira.

Lei de Separação

VIANA DO CASTELO, 25. — E' esta a lei da separação? Sim, é a tão decantada lei, que apregoada «urbi et orbe» não tem o condão de agradar absolutamente a ninguem.

O sr. Brito Camacho (pois esta lei é a «sua», proclamada em Braga) não deu um bom passo politico...

Em todo o clero é grande a indignação causada com as providencias do decreto dictatorial.

Nem em questão de liberdade satisfaz: liberdade de ensino e associação, afóra as relações com a Santa Sé, prudentemente se fugiu de falar, o que era essencial.

Materialmente, a lei nada dá aos parocos.

Bem ao contrario.

Chega mesmo ao cumulo de lhes tirar o Adjutorio paroquial!

Separação, isto?

Conselheiro Jayme Forjaz de Serpa Pimentel

Regista hoje *A Monarquia*, com a colaboração do senhor Conselheiro Jayme Forjaz de Serpa Pimentel, a adesão de Sua Excelencia ao *Integralismo Lusitano*. Antigo oficial de Marinha, com uma pagina larga de serviços coloniais, o senhor Conselheiro Jayme Forjaz, tradicionalista por educação e por inteligencia, já era de ha muito um bom amigo do nosso movimento.

Não poderemos nunca esquecer que foi principalmente por sua iniciativa que o *Integralismo Lusitano* realizou em 1915 na *Liga Naval Portuguesa* a sua serie de conferencias sobre a Questão-iberica. Mas hoje a nossa divida de reconhecimento cresce incomparavelmente ao ver como o senhor Jayme Forjaz vence os preconceitos politicos da sua geração e não hesita, com alma ardente e esperança levantada, acamaradar conosco na nossa luta «*pola grei & pola leyt*».

E' nos seguintes termos que o senhor Conselheiro Serpa Pimentel nos comunica o seu ingresso no Integralismo:

Meu Ex.mo e presado amigo:

Sabe muito bem o meu bom amigo que ha muito acompanho os *Integralistas* na sua tão justa e quão louvavel propaganda, e que, quando presidente do Conselho Regional de Lisboa da Liga Naval Portugueza, procurei sempre coadjuval-os, não obstante tantas mas vontades, despeitos talvez, á sua notavel obra. Não me considerei então nunca um integralista, por motivos facilmente explicaveis á sua sã razão e porque o meu nome em nada iria influir para bem do Integralismo, porque nada, absolutamente nada valho.

Hoje porem que as circumstancias se modificaram, e que, pensando talvez melhor, embora nada valha tenho comtudo o dever de acompanhar aqueles que melhor e mais devotadamente aspiram a uma melhor Patria e n'esse sentido unem os seus esforços, venho pedir-lhe que á lista, já tão numerosa e illustrada dos integralistas, queira accrescentar o meu modesto e inculto nome e dispor de mim, se é que ainda alguma cousa poderei fazer em pról do Integralismo.

Como sempre

Seu mt.º grato e dedicado amigo

Jayme Forjaz de Serpa Pimentel

Escusado será salientar o notavel reforço moral que as palavras do senhor conselheiro Jayme Forjaz significam para nós. Autor ilustre de tantos trabalhos, ainda recentemente enriqueceu a nossa bibliografia historica com os dois volumes já publicados do seu *Livro de Linhagens*. Renovando os estudos genealogicos á luz dos modernos criterios, nessa obra de largo fôlego o senhor conselheiro Jayme Forjaz prestou entre nós um concurso valioso ás sciencias subsidiarias da historia.

Condecorado com varias ordens nacionaes e extrangeiras, aos titulos literarios juntam-se os titulos comprovativos duma existencia dedicada e consumida em honra da Patria. Toca-nos por isso profundamente o entrado do senhor conselheiro Jayme Forjaz no *Integralismo* e para Sua Excelencia, neste momento, vão as nossas homenagens incondicionaes e as de quantos nele trabalham.

Em Espanha

Não sabemos o que pensará Mayer Garção do triunfo monarquico em Espanha. Nem tampouco os que, ha cerca dum ano, até na propria campo conservador, não se cansavam de bradar que o mundo caminhava para a esquerda. Ora ai está bem á vista o rumo que ele leva. Enquanto os alemães patem á porta de Petrogrado, onde já não ha tzar, mas uma republica hiper-democratisada em Espanha Lerroux e Unamuno perdem a eleição e ficam fóra da camara. E digam-nos depois que vamos para a esquerda! A lição é bem eloquente e as suas consequencias não se fizerem esperar. Pobre Mayer Garção! Os tempos não correm propicios aos seus ultra-romantismos chiróticos!

A farça de sabado

Inteiramente de acordo com o nosso presado colega *O Dia*. Como já aqui o acentuamos, o logar de Nun'Alvares é no Carmo, com as ruinas santificadas e o museu instalado noutro logar. Enche-nos de profundo prazer a atitude de *O Dia* em tão delicado problema, que impõe o respeito da ultima vontade do Condestabre. E com que justiceiras palavras o nosso ilustre colega não castiga a escandalosa transferencia projectada para sabado. Que a sua voz ampare a nossa voz e que o país, acordado para o seu dever se oponham com o sentimento da sua dignidade a tão ignobil farçada!

O enterro civil

Sabado proximo, 2 de março, é um dia de luto nacional.

O governo e os jacobinos vão levar em passeio as cinzas Nun'Alvares, como se o heroi de Aljubarrota fosse um caixeiro viajante ou um simples amanuense do registo civil.

Cinismo ou ignorancia? Nem ignorancia nem cinismo. O governo e todos os republicanos liberais, os patrioteiros baratos, os livres pensadores de esquina, sob o patrocinio da bandeira suspeita da igualdade — vão, no sabado proximo, dia de luto para todos portugueses, perpretar a igualdade.

Dentro do criterio vergonhoso da igualdade republicana todos os são iguais; gigantes e pigmeus, o rufia «Pintor» e o «Borges das Bombas», Armando de Azevedo e Mayer Garção, terror ligeiro da igualdade e fraternidade.

A igualdade democratica é a lei maxima do menor esforço, a lei protectora dos imbecis, aos ignorantes, dos assassinos e incompetentes.

Que se igualasse Armando de Azevedo ao sr. Mayer Garção, vá, que até para o director politico da *Manhã* era uma subida honra, sabendo-se que o assassino do professor Gueiffão é amigo intimo do sr. Bernardino Machado. Mas comparar, o maior dos nossos herois, o mais Santo dos nossos Santos, a um amanuense do registo civil ou a um fabricante de sapatos de trança, nunca!

O enterro civil de Nun'Alvares, no proximo sabado, é uma afronta republicana.

Nem eu, nem ninguem, verá nesse dia de carnaval, a glorificação de Nun'Alvares, mas o elogio historico do sr. Mayer Garção — trovador apaixonado da igualdade.

Para prestar uma homenagem a Mayer Garção, não era preciso que os amigos deste senhor, fossem numa procissão ridicula, ruas fóra de Lisboa, levar os despojos de Nun'Alvares, como uma victima dos artigos do director da *Manhã*; bastava ir ali ao largo de S. Roque, embandeirar as janelas e fachadas da redacção do jornal nascido das entranhas do *Mundo*, e pagar ao neto do Arcade uma ceia de iscas no *Magina*, e quinze tostões para um livro de versos de um poeta gongorico...

Mayer Garção ficaria mais satisfeito e celebrava-se a igualdade em familia, sem escandalo para os visinhos...

E' a obra dissolvente, a obra imoral do sr. Mayer Garção que se celebra no proximo sabado. E' um crime de igualdade que no dia 2 de março se perpreta contra o heroe Santo de Aljubarrota.

Quem disser que é a glorificação de Nun'Alvares, mente, quem quizer vêr naquele enterro civil um culto nacional á memoria do Santo Carmelita do Carmo, ou é um provinciano ingenuo, ou um leitor assiduo dos artigos poeticos do sr. Mayer Garção, neto do arcade, e agora o Cangalheiro civil das festarolas jacobinas...

R. de B.

O SR. NORTON

Do «Seculo»:

«O governo tem em seu poder uma carta do sr. Norton de Matos, em que, na previsão de uma crise ministerial, o ex-ministro da guerra lembrava ao chefe do governo o dever de, no caso de abandonar a pasta da guerra, lhe arranjar em França um logar que lhe permitisse continuar a ter superintendencia em todos os serviços de C. E. P.»

Cargos policiaes

Pelo ministerio do interior foi hoje publicado o seguinte despacho:

«Não tendo o conselho superior de administração financeira do Estado usado o decreto de nomeação do capitão Francisco Alexandre Lobo Pimentel para o logar de segundo comandante do corpo de policia de Lisboa, com data de 17 de dezembro de 1917, por não ter o nomeado a patente exigida por lei para a nomeação definitiva e tendo sido publicado o decreto com força de lei n.º 3:840, de 9 de fevereiro corrente, esclarecendo o assunto, s. ex.ª o ministro declara, nos termos e para os efeitos do artigo 60 do decreto n.º 1:381, de 17 de agosto de 1915, manter a já referida nomeação.»

O artigo 60, a que alude este despacho, diz que quando os ministros se não conformem com os fundamentos da recusa do «visto» ou consultas do Conselho Superior da Administração Financeira ao Estado, poderão, assumindo inteira responsabilidade, manter esse acto ou documentos por meio de declaração no «Diario do Governo».

Pelo despacho que acima publicamos, vê-se que o sr. capitão Lobo Pimentel fica como segundo comandante da policia, exercendo as funcções de primeiro, visto que, como diz a ordem de policia, ontem publicada, se encontra doente o sr. Esmeraldo, que ainda não foi, como se esperava, exonerado do cargo de comandante.

O capitão sr. Costa fica exercendo o logar de 2.º comandante.

Presidencialismo

O sr. dr. Sidonio Paes, no seu discurso de Beja, não se limitou a afirmar que, provada a falencia do constitucionalismo e da republica parlamentar, apenas nos restava, como solução para o nosso problema politico, o sistema da republica *presidencial*. Disse mais: disse que contra esta forma de governo *nem os proprios monarquicos apresentavam argumentos...*

Ora a verdade, a forte e iniludivel verdade, é que os monarquicos não teem pelo presidencialismo maior consideração do que pela republica parlamentar; se eles estão dispostos a apoiar a tentativa presidencial, é porque d'aí deriva permanecer o sr. dr. Sidonio Paes na plena posse da sua autoridade governativa e porque o contrario seria resistir o poder aos bandos organisados do sr. Camacho, do sr. Almeida e do sr. Costa; no dia em que o presidente da republica fosse um qualquer Bernardino Machado, o presidencialismo seria uma calamidade pelo menos tão grande como a republica parlamentar.

Os monarquicos não teem argumentos contra o presidencialismo... ? Essa é boa! Mas teem todos os que o proprio sr. dr. Sidonio Paes teria se houvesse pensado bem nas causas da sua preferencia por esse regimen, e se, depois, quizesse aceitar as consequencias logicas da sua tese... Senão, vejamos:

Porque adotou o sr. dr. Sidonio Paes a solução presidencialista? — Por ter constatado, como declarou em Beja, a falencia do parlamentarismo no monarquico e republicano. Mas só por isso?

Decerto não: seria o caso de um sujeito que, desejando obter maçãs, e não o conseguindo com a plantação duma pereira e dum limoeiro, se resolveu a plantar — um eucalipto...; ainda que esse sujeito não tivesse senão eucaliptos para plantar, o seu gesto teria sido injustificavel e inutil; o que ele deveria ter feito era vêr, primeiro, *porque é que nem o limoeiro nem a pereira davam — maçãs*; chegaria facilmente á conclusão de que, para uma arvore dar maçãs, é condição essencial que essa arvore seja — uma macieira; e então, ou plantava macieiras ou, se as não tivesse ao seu alcance, não plantava coise nenhuma: desistia de comer as maçãs da sua horta...

Quero dizer: para obter a solução do problema politico português, não basta constatar a falencia do constitucionalismo e da republica, e adotar depois o presidencialismo, com a mesma leviandade com que o outro adótava o eucalipto, após a falencia do limoeiro e da pereira... Não; ha primeiro que estudar os motivos porque faliram aquelas duas moralidades do parlamentarismo; e em seguida, mas só em seguida, vêr-se-á qual é o sistema politico cuja existencia e cujo exercicio excluem naturalmente os motivos dessa falencia e dessa inviabilidade: esse sistema terá todas as condições para dar as maçãs que nós desejamos saborear...

*

Porque faliram o constitucionalismo e a republica parlamentar?

Ainda na resposta a esta pergunta eu posso seguir o pensamento do sr. presidente da republica não correndo, portanto, o risco de antepôr ao seu o meu ponto de vista monarquico. — Com efeito, deduzindo a excelencia do presidencialismo, diretamente, da falencia do regimen parlamentar, o sr. dr. Sidonio Pais tacitamente afirmou a conveniencia de substituir um sistema em que o poder se partilha e se dispersa, vivendo na dependencia directa das assembleias e dos partidos, por um outro sistema em que esse poder, *unificando-se e personalisando-se*, ganharia em autonomia, em força e em responsabilidade; numa palavra, o sr. dr. Sidonio Pais exprimiu a necessidade, que nós, integralistas, diariamente proclamamos, — de *libertar o poder!*

No constitucionalismo, o poder foi escravo do parlamento, dos partidos e dos politicos; a Monarquia, que é um sistema de governo essencialmente *autoritario* e *responsavel*, viu a sua eficiencia reduzida por um estatuto constitucional em que se tirava a autoridade politica ao Rei e se lhe negava até (como se isso fosse possivel!) a responsabilidade...; foi por isso, inegavelmente, que a Monarquia faliu. A republica, por seu turno, manteve todas estas causas de desagregação e fraqueza; subsistiram nela os motivos da falencia do constitucionalismo, agravados pela ausencia dum orgão que, embora desprovido da sua função rial, conseguira retardar a queda da Monarquia, diminuindo a violencia daqueles males com a força benefica do seu prestigio e da «velocidade adquirida» em sete seculos de exercicio constante: refiro-me ao orgão-Realeza, cuja acção não poderia ser substituida pela dos *parvenus* da presidencia republicana...

Num e noutro destes dois regimens, houve causas constantes e identicas pro-

Sobre o Condestabre

Meu Ex.mo e presado amigo
Frederico Gavazzo Perry Vidal:

A proposito de uma local na «Monarquia» de sabado, em que se diz e muito bem, *que enquanto a Casa de Bragança existir, não os Senhores Duques de Cadaval os representantes do Condestabre* mas que o *representante de Nun'Alvares é Sua Magestade El-Rei*, e em que o orgão do Integralismo Lusitano protesta contra o que se pretende praticar, conferindo aos Cadaveres a representação que só legitima e diretamente pertence á Casa de Bragança, e a proposito ainda da sua carta de hoje sobre a trasladação do Condestavel, dirigida neste mesmo jornal ao nosso presado amigo Antonio Sardinha, cujas razões e opiniões abertamente perfilho, mantendo sempre a opinião exposta a pags. 54 do Tomo I do meu «Livro de Linhagens» de que «as suas ossadas deveriam ser transportadas para o grandioso mosteiro de Nossa Senhora da Batalha, para esse precioso monumento de arquitectura cristã que comemora a batalha de Aljubarrota, e para proximo os restos mortais do monarca de quem fóra tão temigo e tão leal servidor, com certeza ninguem patriotica devida a esse valente caudilho da independencia de Portugal, porque a viuda publica de Nun'Alvares está latimamente ligada á acção politica de El-Rei D. João I, e porque o magnifico monumento que este monarca fez edificar foi para comemorar não só a insigne e gloriosa batalha de Aljubarrota, que tanto se deve ao grande Condestavel, como tambem á consecução da independencia e liberdade de Portugal após essa encarniçada e penosa luta contra Castela,» permita-me o meu amigo que tambem em certa familiar repudie a, a meu ver, tristissima ideia, presente a ler-se a nucho, de se colocarem as suas ossadas, embora temporariamente, no monumento de Belem, e a forma tão banal de se realisar a trasladação para ali deste tão sublimado heroe, verdadeiro crente que avaliou tão grandemente na historia de Portugal e que desde meado do mês findo tem por ratificação do Santo Padre Bento XV ao Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, o culto liturgico.

A proposito ainda dessa local e carta, e recordando a V. Ex.ª o que eu escrevera a pags. 14 do Tomo I desse meu «Livro de Linhagens» e recordando eu o que escrevera a pags. 84 do mesmo livro, *a propósito do Condestavel considero o Senhor D. Manuel II atual representante do Santo Condestabre*, como não podia bem devo deixar de considerar, á face da historia da genealogia, á face das leis sinceiras do Reino perante as quaes a Casa de Bragança é ainda um morgadio, e á face tambem das antigas leis do Reino, veia-me á lembrança a apreciação imerecida que o meu bom amigo fez nesse mesmo meu trabalho, nas paginas da «Monarquia», aos 18 de setembro do ano passado.

Fui leal. Dizia v. ex.ª ex.ª: «Se aqui me é lícito renovar um pedido... eu lhe peço que aumente o seu trabalho com um IV volume, cuja materia não foi exposta no primeiro... e de que a genealogia da minha terra carece absolutamente: a familia de Bragança tornada reinante em Portugal... *sendo... de muito proveito para todos lembrar-se aos portugueses mais ou menos esquecidos que é El-Rei o Senhor D. Manuel II o autentico representante de D. Nuno Alvares Pereira...* E lendo-a, resolvi, apesar da minha falta de competencia, satisfazer ao seu pedido, aplicando, logo que termine o estudo que ultimo, tracto entre mãos para terminação do meu «Livro de Linhagens», toda a minha atenção em fazer obra, não boa, mas justa e imparcial. Será um *complemento* ao livro de linhagens, e dai-lhe o nome, por muito: «*O Trono dos Braganças, e o ramo de Pombal desde El-Rei D. João IV*», muito embora já tenha tratado do trono dos Braganças, para voltar a falar do *Santo Condestabre*, o mais santo dos nossos herois e o mais heroe dos nossos santos, dando assim outras largas ao que me vae n'alma e coração a respeito desta figura maxima da Patria, de que meu decimo avô paterno foi irmão e colaborador, e a quem El-Rei D. João I e para provar a nobreza de inez Pires, a mãe do 1.º Duque de Bragança, que morreu comendadeira de Santos. E aproveitarei talvez o ensejo e as notas que tenho feito, em adiamento ao «Livro de Linhagens», para dizer alguma coisa acerca da preciosa colecção de pergaminhos referentes a D. Gonçalo Pereira, avô de Nun'Alvares, atualmente encontrados dentro de uma das pedras da parede pela-tumular em Braga, que tenciono ir em breve estudar e apreciar, e acerca tambem do que, a respeito de Nun'Alvares, ressam valiosos livros antigos e foram consultados para effeitos do seu processo de canonisação.

Não é para admirar, meu presado amigo, que se pretenda preterir o Senhor D. Manuel II de Bragança na representação legitima de Nun'Alvares. Saiba o meu amigo que tambem o Directorio do Partido Legitimista Portugues, apezar da tradição que o seu partido tão tenazmente tem vindo sempre defendendo, procurou dar a legitima representação a um titulo a quem ele não pertence. Veria isto em Abreu e Brito, 57 do Tomo III do «Livro de Linhagens» que está em impressão.

Essas virtuosas senhoras a quem v. ex.ª se refere, cujos ossos repousam ao lado o altar mór do velho templo de Santa Tereza de Coimbra, e cujas sepulturas foram violadas vandalicamente, nem sequer escapando as suas pedras tumulares, com os respectivos epitafios, eram minha avó paterna, D. Maria do Carmo Freire Pimentel Pereira Forjaz de Sampaio, da casa dos Mesquitas Pimentéis, de Gouveia, e a 6.ª ou 7.ª Viscondessa de Asseca, não me recordo agora qual delas.

Quando eu e um filho da actual Viscondessa de Asseca (Mãe) tratámos da trasladação das suas ossadas, das de minha avó para o meu jazigo no cemiterio particular em Santo Antonio dos Olivaes, encontrámos se as campas arromboadas, as pedras destruidas e ossos em tal promiscuidade, que não foi possivel destrinça-los. Violára-se a santidade dessas campas, e com relação á de minha avó, praticou-se um verdadeiro abuso, porque essa sepultura era propriedade particular de meu avô, o Desembargador José Maria Pereira Forjaz de Sampaio.

Com os meus cumprimentos, creia-me sempre

Sic, 25-2.º-1918.

De v. etc.

Jayme Forjaz de Serpa Pimentel.

duzindo os mesmos efeitos. O sr. presidente da republica quer agora suprimir esses e feitos, não pela simples força da sua acção pessoal, como o tentaram, inutilmente, atravez destes ultimos cem anos, muitos homens honestos da maior envergadura mental,—mas sim pela supressão das causas que os produziram: a prova disso é que, não contente com suprimir os agentes da republica parlamentar, se propõe acabar com o proprio regim en a cuja sombra eles poderam cometer tantos erros e tantos crimes...

Mas terá o sr. dr. Sidonio Paes bem presentes as caracteristicas essenciaes do regimen politico a que pretende pôr fim? Terá s. ex.ª meditado sobre as causas da sua falencia e da sua provada inviabilidade? Estará convencido de que essas causas, que preexistiram na substituição da monarquia liberal pela republica, não permanecerão agora na substituição da republica parlamentar pelo presidencialismo?

Vejamos, em duas palavras, o que é a republica parlamentar, quaes os seus defeitos e, consequentemente, quaes as causas da sua insuficiencia:

E' um regimen em que o governo da Nação, *tanto na sua origem como no seu exercicio*, depende directamente e constantemente do parlamento, ou seja—dos partidos, visto que o parlamento não é, de facto, senão a assembleia magna dos partidos politicos, e o como nessa assembleia ha sempre um partido que dispõe dum maior numero de votos, portanto duma maior parcela de força, a republica parlamentar redunda sempre—na *ignobil tirania dum partido contra a Nação*.

A um governo que nasce e vive em taes condições falta, pois,—a *unidade* visto que a sua autoridade se parcela e se dispersa; a *força* e a *independencia* por isso que vive na subordinação; a *responsabilidade* porquanto ele não é de facto senão um agente, um mandatario do parlamento o qual tem por si a mais completa irresponsabilidade, de direito e de facto...; a *continuidade*, porque a sua existencia depende ainda dos caprichos da maioria parlamentar ou das conveniencias do partido que a constitue. Sem unidade, sem força, sem responsabilidade, sem continuidade, nem os governos podem governar, nem os povos teem a garantia de ser bem governados.

E, de facto, neste regimen, o governo não governa; quando muito, administra, para o que, aliás, não tem capacidade nem competencia. Quem governa, então? O parlamento. E por quem é constituido o parlamento? Pelos representantes dos partidos. Mas quem assegura aos partidos essa representação? *O sufragio directo dos cidadãos que pertence aos partidos...*

O leitor já viu aonde quero chegar. O leitor já viu a fraqueza, a subordinação, a inconstancia, a irresponsabilidade do governo nos regimens parlamentares, não é a causa profunda da inviabilidade desses regimens:—essa causa é já um efeito doutras causas que todas se resumem naquilo a que Jules Lemaitre chamou—*la malfaisance essentielle du système électif!...* Da eleição nasce a força e a razão de ser dos partidos; da eleição nasce o parlamento que é o claustro pleno desses partidos; da eleição nasce, portanto, o governo sem autonomia, sem independencia e sem continuidade, cuja incapacidade para governar a Nação o sr. dr. Sidonio Paes justamente reconheceu no seu notavel discurso de Beja.

O que se conclue daqui?

Conclue-se que todo e qualquer sistema de governo que não queira ser vitima das causas que produziram a falencia do constitucionalismo e da republica parlamentar, terá de eliminar na sua base constitucional o *maleficio essencial das eleições* como primeira origem de todo o poder, de toda a autoridade.

Estará nestes casos o presidencialismo?

Não está: porque, no presidencialismo, tambem o poder supremo tem a mesma origem eleitoral. O poder continua sendo originalmente *escravo* dos partidos. Dizendo isto, já digo o bastante para que o sr. dr. Sidonio Paes se convença de que não faltam aos monarquicos argumentos contra o regimen presidencialista que S. Ex.ª justamente prefere...

Quando escrevo que o poder continua sendo originalmente escravo dos partidos quero significar que permanecem, *quanto á sua origem*, as causas que promoveram o descrédito e a falencia das outras formas de governo democratico. Mas quanto ao seu exercicio?

Quanto ao seu exercicio, a republica presidencial já constitue decerto uma melhoria, um passo dado no sentido da *libertação do poder*. Com efeito, o poder ganha em *unidade* porque se define e se personalisa; ganha em *força* e *independencia* porque o presidente da republica, unico e privativo detentor da função executiva, não tem de subordinar constantemente a sua existencia ao voto e ás discussões duma assembleia; ganha um pouco em *responsabilidade* por isso que sempre é mais facil responsabilisar um homem do que uma multidão...

Todavia, a *continuidade* do poder sofre constantes soluções por motivo da periodicidade das funções presidenciais. A força e a independencia do presidente dificilmente se exerce, no principio do seu exercicio, perante as exigencias do partido que o elegeu; e no fim desse exercicio, são os cuidados da reeleição que o colocam na dependencia dos grupos politicos. Quanto á responsabilidade e quanto ás garantias de competencia, e zelo, o país não pode estar tranquilo como estaria se o interesse pessoal do Chefe do Estado coincidisse com o interesse da Nação, sendo certo que o presidente da republica, findo o seu curto mandato, volta a viver a sua vida particular sem que nela o perturbem as consequencias funestas que o seu governo trouxe á prosperidade, á paz e á segurança do país. Que seria de nós se, em regimen presidencialista, o governo caísse nas mãos despoticas e rapaces dum Afonso Costa ou dum Norton de Matos?

Já o sr. dr. Sidonio Pais vê que não nos faltam argumentos decisivos contra a republica presidencial. Isto não impede que voteimos amanhã no presidencialismo do sr. dr. Sidonio Pais. E por que? Porque ele põe termo, momentaneamente, á desordem democratica.

Todavia, a esse presidencialismo, supondo-se que seja o melhor dos presidencialismos, os monarquicos poderão aplicar sempre a formula com que Octave Tainier definiu o imperio dos Bonapartes: *«L'empire supprime l'anarchie, non les causes de l'anarchie»...*

Para a supressão radical dessas causas, a sciencia politica só nos aponta um caminho: os *arutinas* apregoam-no todos os dias, quando vendem esta gazeta...

João do Amaral

Revista dos livros e da imprensa

JORNAES PORTUGUEZES

O sahimento funebre em trens d'aluguer...

O desvairo do sr. Sidonio Paes, a *proficiencia de empregado de agencia funeraria* do sr. Dornelas e não sei que sopro de insania passado pela Juventude Catolica de Lisboa, parece que persistem na mascarada ignobil do dia 2 em que, sobre um armão de artilharia e seguido de longa fila de trens de aluguer, como no sahimento funebre de qualquer tambôr-mór, pensam conduzir a Santa Maria de Belem as ossadas gloriosas do Santo Condestabre. Constitue crime, e crime dos mais horrendos esse de salsujar num sacrilegio de cafres, as cinsas venerandas do maior português de todos os tempos—reliquias que uma nação inteira desejaria intangiveis de mãos impiedosas, malevolas ou insensatas.

Diz um meu colega, noutro logar, que o facto crudelissimo obedece ao frenesi equalitario do dogma jacobino: Obedece, é verdade. Obedece a esse maldito séstro de desrespeitar e tentar destruir tudo o que de puro e de santo ha na historia dum povo e na alma duma raça. Constitue crime de vandalos e sacrilegio de cafres, repito. Entre a profanação dos tumulos reaes de Saint-Denis, em que a malta de energumenos quebrou os tumulos rendilhados dos reis de France, arrastando pelas ruas os ossos de Henrique IV, e a profanação alvar dos ossos do Santo Condestavel, não ha diferença sensivel. Foi o primeiro o maior rei dos sycambros; Nun'Alvares foi o maior de todos os portugueses.

Por isso não estranho eu o facto,—apenas verbéro o crime.

E verbero-o, para que se não diga que ele se perpetra com o meu consentimento de português e de crente.

Crime semelhante já a republica portuguesa cometeu para com o Principe dos Poetas, nessa festarôla de mau gosto de junho de 1911; por isso não estranho o facto: ele repetir-se-ha qualquer dia nesta cegueira de manicómio que atingiu certas individualidades e colectividades, talvez, quem sabe? nas cinzas da mystica Izabel de Aragão, ou de Dom Pedro V. Porque estes pygmeus e com reliquias de reis, de santos e de heroes que se divertem.

Já Chateaubriand, a proposito dos profanações de Saint-Denis, dizia: «Os garotos brincam com as ossadas de poderosos monarcas!»

Um cortejo magnificente e um cortejo ignobil.

O nosso prezado colega *O Dia*, que não encontra *razão concludente* que determine a trasladação das sagradas reliquias de Nun'Alvares, louvando e apoiando a traça do cortejo magnificente, digno do Heroe e do Santo, do ilustre poeta Afonso Lopes Vieira, publicado aqui na *Monarquia*, diz:

Não seria exequivel nestes mesquinhos tempos de *democracia* anti-estetica e anti-historica o plano assim saboçado pelo distincto homem de letras que tem a mais alta concepção da Arte? Mas entre esse plano grandioso e o misero programa que ontem foi comunicado á imprensa, ha uma distancia larga em que poderia caber alguma solução intermedia, acertada... e decente.

O que vae fazer-se, levando-se Nun'Alvares n'um armão d'artilharia, seguido duma duzia de trens alugados, se a tanto chegar o numero, agora que as tabelas estão altas—através de Lisboa, por calçadas e travessas, á procura de sitios que recordem a sua vida, um arco de enterro de artista que vae passar pelo teatro onde teve aplausos do seu publico predilecto, crêmos ser uma imperdoavel irreverencia, que decerto não está nos propositos da comissão organisadora da trasladação, mas que todos presenciaremos tristemente, porque outro aspecto não terá essa modestissima *procissão civica* que tambem participará de *acompanhamento funebre* dum militar de graduação!

Ora a trasladação de Nun'Alvares—sem discutirmos agora a sua oportunidade e ainda mesmo acatando *a razão concludente* que a impulsiona—tem de ser, *não podia deixar de ser*, uma grande apoteose nacional.

Numa entrevista publicada hoje no *Diario Nacional*, declara o sr. Pereira dos Reis que o cortejo civico em trens de praça, proprios para longas batidas, segue um percurso de mascarada, de *desoito kilometros*. Desoito kilometros! Portanto, nem ao menos um coche da Casa Real resistiria ao percurso...

Quer dizer: nós vamos assistir a um longo cortejo de carros e carroças, que nos fará lembrar aqueles dos antigos cirios da Senhora Atalaya. E que, se fosse de noite, mais nos pareceria um cirio de verdade, de mais depois das emendas da lei da Separação...

Desoito kilometros de percurso! Uns poucos de horas de mascarada! Maior suplicio para os verdadeiros crentes, maior e mais dolorosa afronta á alma colectiva da raça.

Desoito kilometros de fantochada ctnica. Desoito punhaladas no peito arquejante da Patria...

Interim.

Capitão Cameira

A sua nomeação para administrador da Caixa Geral dos Depositos

Por um decreto publicado hoje no «Diario do Governo», o sr. dr. Daniel José Rodrigues foi exonerado do cargo de administrador geral da Caixa Geral dos Depositos e nomeado para o referido logar o capitão da administração militar sr. Eurico Maximo Cameira Coelho e Sousa.

Roubalheiras

Rosalina da Silva Henriques, moradora na rua dos Poyaes de S. Bento, 68, foi queixou-se á policia de que os gatunos lhe arrombaram a porta da rua da sua residencia furtando-lhe objetos no valor de 361.000 reis.

Tambem se queixou á policia Antonio Caetano, residente na calçada Agostinho de Carvalho, de loja, de que os ladrões arrombaram a porta da sua residencia furtando-lhe dois cordões de ouro e a quantia de 15.000 reis, sendo o valor do furto de 100.000 reis.

Grupo 15 de Dezembro Machado Santos

Reuniu-se a comissão instaladora deste grupo, tratando da aprovação de novos socios e de diversos assuntos de caracter reservado, resolvendo mais felicitar o sr. capitão Lobo Pimentel pela sua nomeação de comandante da policia.

Mais resolveu convocar uma assembleia geral extraordinaria que se realisará no dia 7 de março, no centro socialista, sendo a ordem dos trabalhos tratar do procedimento da união republicana para com o actual governo e outros assuntos.

Liga Naval Portuguêsa

Como noticiamos, é no sabado, 2 do corrente, ás 9 1/2 da noite, a conferencia do sr. Henrique Rio Arantes.

A marcação de logares faz-se nas condições do costume.

Os democraticos e a guerra

A nota oficiosa

A proposito do *córte* a que aludimos e nos pareceu teria sido feito na sensacional *nota oficiosa* comunicada na noite de sexta-feira á imprensa, dá hoje o nosso prezado colega *Diario Nacional*, fazendo-nos a honra de referir-se amavelmente ao nosso artigo de ontem, uma interessante indicação, em que sublinhamos o que é mais... apetitoso:

Não ignora o governo que ha neste momento na imprensa mais do que um jornalista conhecedor de algum facto ou detalhe que a nota oficiosa do ministerio da Guerra não acusa. A revelação desse detalhe seria o «coup de grâce» na criminosa politica da guerra, feita pelos democraticos, e constituiria um acto de justiça á conducta da Gran Bretanha, desinteressada e generosa para com este país, que os governantes sacrificaram cimente.

Dadas as razões de queixa que ha geralmente contra os democraticos, o silencio guardado a respeito daquilo que o governo julga conveniente calar, é uma prova de lealdade e de patriotismo que honra a imprensa portuguesa e que, ousamos afirma-lo, em egualdade de condições, com a mesma acuidade nas lutas internas, se não obteria da imprensa politica de nenhum outro país.

Não faltarão os jornais portugueses a esse dever, mas a essa isenção de procedimento deve corresponder o governo fazendo publicar o indispensavel *Livro Branco*, tão depressa lh'o consintam as conveniencias internacionais.

Ao que se vê, acertámos quando dissémos que a *nota oficiosa* publicada devia a conhecer ter sido... interrompida, antes de entrar nos prelos. Pena é que se não saiba o que seja o tal *facto* ou *detalhe* que, segundo diz, decerto com conhecimento de causa, o *Diario Nacional*, seria *«o coup de grâce* na criminosa politica de guerra feita pelos democraticos e constituiria um acto de justiça á conducta da Grã-Bretanha».

... Mas sendo assim, porque haveria reconsideração a que, aliás, com a mais louvavel lealdade correspondeu quem tinha tido conhecimento por essa *nota oficiosa* de mais alguma coisa do que veiu a publicar-se?

Tudo isto aconselha que se não demore a publicação do *Livro Branco*.

Teem-n'o publicado os outros paises beligerantes. Porque só nós viveremos no silencio e na ignorancia do que tanto importa ao país conhecer?

Notas da Arcada

Parece que vae deixar brevemente o comando das guardas republicanas o coronel sr. Oliveira Duque, afim de ser nomeado governador da Guiné.

—No novo ministerio das subsistencias vão ser criadas duas direções geraes, uma referente a transportes maritimos e carga e outra para tratar da questão das subsistencias propriamente ditas.

Sobre a criação deste ministerio prevenimol-o informações os leitores a respeito da sua composição.

—Vae ser discutida á apreciada pela comissão hoje nomeada para tratar da reforma da policia, o projecto da reforma elaborado pelo coronel sr. Paiva Gomes.

—Parece que será no penultimo ou no ultimo domingo do mês de abril que se realisam as eleições.

Teatros e cinemas

Reprise

O teatro do Ginasio deu-nos ontem em reprise «A Filha da Carolina», peça já com cabellos brancos, mas que sempre que se representa dá-nos a impressão de contar poucas primaveras.

O teatro encheu-se e nos corredores discutia-se calorosamente o desempenho que, a nosso ver, foi sublime por parte de todos os interpretes, destacando-se o actor Mergulhão.

As sr.ª D. Maria Mattos mãe mais uma vez se distinguiu na caracterisação da comedia e na parte que lhe coube na peça, vinceu bem o seu personagem que representou, bem como o sr. João Lopes, que ouviu bastantes palmas.

O Filho de Carolina» repete-se hoje.

Festas artisticas

Realiza-se hoje, no antigo teatro D. Amelia, a festa artistica do ilustre actor Ferreira da Silva, a segunda figura masculina da scena portuguesa, Actor de reputação, o sr. Ferreira da Silva possue na sua galeria de artista soberbas creações que o collocam a par das figuras primacines do estrangeiro.

E', pois, hoje, noite de festa no teatro República.

A peça escolhida pelo ilustre artista é o «Amor de perdição».

—A famosa opereta de «Lecoq», «A filha do sr.» Angot», pertence ao numero das peças que não envelhecem. Depois de ter feito as delicias dos nossos avós, vai, com certeza, tambem, encantar-nos na «reprise» que se lhe vae fazer, segunda-feira 8 de março, no Avenida, em festa artistica do impagavel e inimitavel José Ricardo.

A' bilheteira do Avenida tem afluido um grande numero de pedidos de bilhetes para essa recita festiva, que se apresenta revestida das mais excepcionaes attrativos.

Noticias

No Avenida estão quasi concluidos os ensaios de recordação da graciosa e delicada opereta «Sonho de Valsa», que em breve reaparece com o aperitivo interessante da quadra de talentosa atriz cantora Etelvina Serra a voltar a papel de «Franzi» em que tem uma notabilissima creação.

Reclamos

TRINDADE.—O publico, que prefere as peças sentimentais de enfrecho honesto e com uma musica, continua enchendo todas as noites o Trindade, cujo cartaz ainda ce por muito tempo será esmaltado com os exitos «Rosa» hoje e sempre» e opereta «Flor dos Pampas».

AVENIDA.—Não cessam as enchentes deste, onde se ve, sempre, a sua sala repleta de gente de mais distincto ha em Lisboa.

A «Sybil» a peça ali em scena continua constituindo um exito grandioso e sem rival, sendo já por milhares de pessoas que tem ido ver a sempre nova peça.

A «Sybil» repete-se hoje.

APOLO.—E' definitivamente amanhã que a revista do Apolo será aumentada com o vistoso e movimentado quadro de fantasia «Papagaio volta á casa», que por falta de tempo para ensaio não se estreiou no dia 1, como fora noticiado.

EDEN.—Hoje sáe na primeiras crecitas da moda e tambem as ultimas que efectua, nesta sua «reprise» sensacional, a deliciosa fantasia revista «O Sr.», que no domingo se despede afim de dar ensejo á reaparição da famosa «Torre de Babel».

Não perca portanto, os recitos elegantes desta noite quem queira verdadeiramente divertir-se.

SÃO FOZ.—Hoje no Foz mais uma representação da engraçada revista «Primeiro de Abril» em vrendez-vous.

Cinemas

COLISEU.—O programa desta nite no Coliseu dos Recreios é dos mais attrahentes que se teem apresentado na vasta sala de espectaculos, pois estreia-se a 7.ª série do comovente «Fantomas», «A dama de luto», que é um dos mais empolgantes e sensacionais. Depois-se a 8.ª série «Ladrão de creanças». Tambem no imponente programa está incluida a estreia duma das mais admiraveis fitas comicas que nestes ultimos tempos se teem exhibido, «O chicote de Sanchos incomparavel de graça».

O espectaculo de hoje é coroado pela despedida das celebres ginastas Morandinis.

No espectaculo da moda de segunda-feira, estreia da 8.ª serie de «Judex». «O subterraneo do Castro Verme-lho».

OLIMPIA.—Mais uma estreia neste elegante cinema. Sao 5 deliciosos actos que ao publico vae apreciar. Realmente «A perola branca» é uma pelicula d'arte das melhores que em Lisboa se tem apresentado e em que Mary Doro a nova estrela americana tem uma soberba creação.

NOTA

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida para este jornal a João Telles, afim de ser publicada.

ESPECTACULOS

REPUBLICA — A's 21 — Festa artistica do actor Ferreira da Silva — «Amor de perdição».

TRINDADE—A's 9—A opereta «A flor dos pampas».

GINASIO.—A's 9,15 — «O filho da Carolina».

APOLO—A's 21—«Papagaio Real», revista.

AVENIDA.—A's 9.—Representação da opereta «Sybil».

EDEN.—A's 8 e 45 10.—«O Sr».

COLISEU DOS RECREIOS. — A's 21,30 — A 5.ª, 6.ª, 7.ª e 8.ª series do «Judex» — Ultimos espectaculos em que tomam parte os celebres ginastas Morandinis.

SALÃO FOZ.—A's 20 3/4 e 22 1/2—A revista «1.º d'Abril».

SALÃO DOS ANJOS.—A's 20.—A revista Carnaval Moderno».

—

Chiado Terrasse—Animatografo e concerto.

Olimpia—Animatografo e concerto.—«Matinées» todos os dias.

Salão Central—(Palacio Foz)—Animatografo e concerto.

Cinema Condes—Animatografo e concerto.—«Matinées» ás quinta-feiras.

Cinema Colossal, Coliseu de Lisboa—Animatografo e variedades.

Salão da Trindade — Animatografo e concerto

Cinema Estrela (calçada da Estrela)—Animatografo.

Salão Lisboa, á Guia—Animatografo.

Salão do Rocio—(R. Arco Bandeira)—Animatografo.

Cine-Paris—Animatografo.

Chantecler—Todas as noites fitas faladas.

—

JARDIM ZOOLOGICO. — Exposição permanente.

Jornadas e Salões

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Domingas de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte).

D. Luiza de Veiga Manuel de Abreu Coutrado.

D. Anna da Camara (Belmonte).

D. Maria Manuel da Cunha e Menezes.

D. Sophia Bleck de Lancastre (Louzã).

E os srs.:

Visconde de Pernes.

Visconde de Serpa Pinto.

D. Antonio Lobo da Silveira (Alvito).

Francisco Xavier de Meyrelles.

Augusto Botelho Moniz da Costa Veiga.

Albino Antonio Freire de Andrade.

Recita de Caridade

A comissão de senhoras que promoveu a recita com o «Marquez de Villemer», na noite de sabado proximo, no teatro de D. Maria II, pedem-nos para comunicar ás pessoas que teem bilhetes dos mesmos trocar pelos definitivos amanhã e depois das 2 ás 5 horas da tarde, no salão Nobre daquele teatro.

De Jornada

Encontra-se de novo em Lisboa o sr. 1.º capellão de Magalhães, ilustre secretario da Relação de Loanda.

—Regressaram de Alfarrarede os srs. Condes de Calharis.

—E' esperada brevemente de Madrid, com sua interessante filha, a senhora D. Mecia Mousinho de Albuquerque.

—Com sua esposa regressou do norte, o sr. Pedro Guzmão de Moura.

—Chegaram ontem a Lisboa os senhores D. Julio e D. Henriqueta Seabra de Castro.

—Regressou á Abrigada, o sr. José Julio de Mascarenhas e Silva.

—Partiu para Silves, os srs. Condes de Silves.

—Está em Lisboa o senhor Solano de Almeida.

Ultima hora

Comunicam-nos á ultima hora que o sr. Presidente da Republica, de acordo com a Comissão da cerimonia da trasladação das cinzas de Nun'Alvares, resolveu adiar para mais tarde, para que esta se possa realisar com maior solemnidade e grandeza.

Banco de Portugal

Dividendo de 7 por cento

O pagamento d'este dividendo relativo ao 2.º semestre de 1917 livre de imposto de rendimento ha-de começar no dia 28 de fevereiro das 10 horas da manhã á uma da tarde, e continuará em todos os dias uteis.

Recomenda-se aos srs. accionistas para regularidade e serviço, que mencionem os titulos ao portadores em relações separadas das dos titulos nominativos.

Banco de Portugal, 27 de fevereiro de 1918.

Pelo Banco de Portugal

Os Directores

J. Matto Gomes J.

J. Pereira Cardoso.

Contra a guerra

A «COMPANHIA GARANTIA» effectua seguros de GUERRA bem como contra TUMULTOS e GREVES. Agencia: José Henrique Tois & C.ª, banqueiros R. Aurea, 69 a 75. Telef. n.º 153 3-C.

Briquetes para costinha

Vendem-se posto ao domicilio, peso garantido. Pedidos á rua do Possolo, 36, Telefone 2.427, Central.

MONTE-PIO COMERCIAL E INDUSTRIAL

206, R. Augusta, 214 — 54, R. d'Assunção 56

Emprestimos sobre joias, ouro, prata e papeis de credito. Juro maximo, 5 réis por cada 5 tostões.

Cofres fortes para alugar nas casas

Liquidadora Comercial

Grandes stock de mobilias completas em todos os estylos, moveis em separado, pianos, cofres e muitos outros artigos.

—(o)—

Grande Salão no Colyseu da R. da Palma

Pede-se confronto de preços

TINTURARIA Cambournac

CASA FUNDADA EM 1846

As tintas para escrever da fabricação d'esta casa, vendem-se em todas as papelarias.

VENDA POR GROSSO

Largo da Annunciada, 16 LISBOA

Companhia DA Mala Real do Pacifico



Continuam as carreiras para a America do Sul, dos magnificos paquetes desta Companhia.

Para carga e passagens, dirigir-se aos Agentes:

J. PINTO BASTO & C.ª L.da

CAES DO SODRÉ, 46

Palmyra Callixto

Tratamento de senhoras e creanças

Massagem medica manual e electrica Gymnastica medica e sueca. Tratamento a pelle e cabellos. Manucure.

Calçada do Sacramento, 97, 2.º

TELEPHONE 4559

O Monte-Pio Geral, realisa com facilidade, a prazo e em 1.º corrente emprestimo sobre predios urbanos em Lisboa e concelhos limitrofes, ao juro de 5 1/2 0/0.

Novo emprestimo italiano consolidado 5 %

Preço de emissão: 86,50 0/0

Mais os juros decorridos desde 1 de Janeiro

Rendimentos: 5,80 0/0

Subscreve-se até ao dia 10 de Março na casa bancaria

Espirito Santo Silva & C.ª

RUA DO COMERCIO, 95

Officialmente designada pelo governo italiano para receber as subscripções em Portugal é no Porto na casa Bancaria J. M. Fernandes Guimarães & C.ª

Motores electricos

De varias voltagens e

Dinamos

De varias ampergenes dos mais afamados constructores

O maior deposito do paiz

Lampadas electricas "Pope"

de filamento metalico puxado á fieira.

Lampadas 1/2 vatio

Lampadas espiral a reflector

John M. Sumner & C.º SUCESSORES

Baptista, Filho & C.ª

29, Avenida da Libedade, 37—LISBOA

Mendonça Alves, Limitada

ENGENHEIROS

Escriptorio e armazem: Rua Garrett, 36

Officinas: Trav. do Sacramento, (ao Carmo), 3 e 5

Tel. 2580—End. Tel. MENDALVES

Instalações electricas telephones particulares

FABRICAÇÃO DE ACUMULADORES "HADIUS"

Premiados com a medalha d'ouro no Mostruario Industrial Portuguez de 1915

Hygiene e belleza dos cabellos

Loção Andrade

Base: PILOCARPUS PENNATIFOLIUS

E' um producto de incontestavel effeito para revigorar o cabello e impedir a sua queda.

Evita a caspa e combate a calvicie

Desconfiar das imitações.

Pharmacia FREIRE DE ANDRADE & IRMÃO

LISBOA

COLÉGIO VASCO DA GAMA

Travessa das Freiras, n.º 2, a Arroios — LISBOA

TELEFONE: Norte 2145

Este estabelecimento de educação e ensino, tão acreditado pelos excelentes resultados obtidos nos poucos annos da sua existencia, mudou agora definitivamente as suas instalações para um grande e acomodado edificio, nas melhores condições pedagogicas e higienicas, que se ergue no interior de uma grande quinta, com logos e espaçosos terreiros para recreios, equitação, etc.

Situado num dos bairros mais saudaveis da cidade, junto das novas avenidas, em logar remanso e tranquillo, torna-se por mais este melhoramento, recomendavel a todas as familias que desejem dar a seus filhos uma educação completa e primorosa. E' servido pelos electricos do Arieiro, Amoreiras e Arco do Cego.

A alimentação é de primeira ordem, 4 refeições diarias. Ministra o ensino primario, secundario e commercial, com separação de classes.

Admitem-se alunos internos, semi-internos e externos. Pedir e exigir estes aos directores:

Dr. Luiz Gonçalves da Silva Pinto de Abreu.

F. Antonio Fonseca da Silva Pinto de Abreu.

Curso de inglez por meio de correspondencia

Methodo: The Teacher at Home

PROCESSO SIMPLES, FACIL ATTRACTIVO

Dão-se quatro lições gratuitas para se poder apreciar o methodo

Pedir prospectos a J. JULIO ALBINO FERREIRA

Costa Cabral 1939

PORTO